

RESENHA

A RESISTÊNCIA DAS PALAVRAS DISCURSO E COLONIZAÇÃO BRITÂNICA NA ÍNDIA

Grigoletto, Marisa

Campinas, SP: Editora da Unicamp, 236 pp.

A Resistência das palavras – discurso e colonização britânica na Índia é uma versão parcialmente modificada da tese de doutoramento de Marisa Grigoletto, defendida no Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp em 1998, sob a orientação de Eduardo Guimarães. O texto, que se debruça sobre o discurso da colonização britânica na Índia, extrapola o período que compreende a extensão do *corpus* (pré-independência daquele país, nos anos 1942-1947) e produz uma reflexão sólida sobre os discursos em torno do conceito de colonização existentes nas várias áreas do conhecimento humano, criando subsídios teórico-metodológicos para todo analista preocupado com questões de linguagem e sentido.

O objetivo central do trabalho é investigar, graças a uma análise semântica e discursiva de um recorte do discurso colonial britânico (especificamente no período de preparação da concessão da independência à Índia), a formação de identidades nacionais e políticas em contexto de colonização (formas de representação do eu e do outro) e poder contribuir para os estudos que se voltam para a problemática das relações coloniais.

O livro está dividido em três partes. A primeira apresenta e discute os principais pressupostos teóricos que servem como base para o estudo em questão. Nela, onde se concentra a explicitação de conceitos como discurso, sujeito, enunciação e interdiscursividade, merece destaque a inclusão de um breve e extremamente bem articulado histórico do desenvolvimento da Análise do Discurso de linha francesa, desde o final da década de 60 e que teve em Michel Pêcheux seu principal representante. Essa apresentação proporciona ao leitor contato com o processo de elaboração e solidificação de conceitos-chave e procedimentos de análise que fazem parte das três fases da AD. Fica-se sabendo, à guisa de exemplo, que na primeira fase da AAD-69 “supunha-se a existência de discursos homogêneos e, através da análise, procurava-se suprimir toda forma de heterogeneidade. Não havia, ainda, condições teóricas para a postulação posterior da prima-

zia do interdiscurso, isto é, da alteridade, do heterogêneo” (p. 26). Por outro lado, embora as condições teóricas ainda não permitissem o deslocamento que hoje vigora nos pressupostos da AD, Grigoletto nos lembra que, na primeira fase dessa perspectiva, já havia o desejo de uma análise não subjetiva dos efeitos de sentido, “uma análise que não ficasse presa à ilusão do sujeito de ser a origem do sentido”.

A Parte II volta-se para a descrição e contextualização da constituição do *corpus* de análise selecionado. Tendo em vista seus objetivos, ou seja, “compreender os processos de representação do eu (britânicos) e do outro (indianos) no discurso político britânico em um período de *transição* em que se discutia e se preparava a independência da colônia”, a pesquisadora optou por dois recortes discursivos: o primeiro levou-a a selecionar documentos oficiais relacionados ao tema da transferência de poder, produzidos no período de 1942 a 1947 (debates parlamentares na Câmara dos Comuns do Parlamento britânico, discursos e pronunciamentos proferidos por membros do Poder Executivo do governo britânico). O segundo recorte, que permitiu uma compreensão do discurso político britânico sobre a Índia (no chamado período de transição), com seu interdiscurso, motivou a seleção de textos sobre a Índia no século XIX (entre 1830 e 1860), produzidos por missionários, educadores e debates na Câmara dos Lordes.

Ainda na segunda parte do livro, Grigoletto apresenta filiações representativas do discurso colonial a outros discursos, notadamente nos estudos da crítica literária, história e estudos da cultura. Em linhas gerais, esse capítulo aponta os principais efeitos de sentido provenientes dos vários discursos que constituem a relação colonizador-colonizado, sustentada, em grande medida, por certas noções que justificam o sistema. Dentre as várias noções discutidas neste estudo, vale destacar (i) a superioridade de uma nação em relação a outra; (ii) a oposição selvagem x civilizado; (iii) o essencialismo dos povos e culturas, que produz um lugar de *cultura estática* para a Índia; (iv) uma escala hierárquica entre povos e raças, tendo como parâmetro o contexto europeu.

Inserido nos estudos da linguagem, o trabalho de Grigoletto deixa clara a diversidade da discussão sobre o tema produzida nos domínios da Teoria Crítica e dos Estudos Culturais, apontando para a especificidade do tratamento dado ao discurso da colonização no âmbito da Análise de Discurso e da Semântica Histórica da Enunciação. Essa incursão por dizeres desses outros domínios contribui para situar a análise desenvolvida na Parte III da obra.

Os três capítulos que a compõem formam um conjunto que examina os sentidos do discurso colonial sob investigação, a partir de um viés político. A análise da autora concentra-se no recorte discursivo que en-

globa os textos relativos ao período de preparação para a concessão da independência à Índia (*transferência de poder*), entre 1942 e 1947. É nessa terceira parte do trabalho que Grigoletto mostra, ao fazer operar na análise conceitos como *silenciamento*, *nomeação*, *designação* e *posições de enunciação*, de que maneira o discurso colonial britânico sobre a Índia se apresenta de forma contraditória em sua relação com o interdiscurso. A autora fornece elementos para que se possa compreender a dimensão ilusoriamente imaginária de discursos que produzem efeitos de sentido em torno da igualdade e da abolição das diferenças entre povos colonizadores e colonizados.

Um gesto analítico merece destaque: a abordagem do conceito de *metáfora*, que, a meu ver, constitui um dos pontos altos da análise empreendida por Grigoletto. Contrapondo-se a uma visão que toma a metáfora como *desvio* em relação ao sentido literal, a autora, apoiando-se na acepção pechêutiana do termo, compreende o trabalho metafórico como *deslize* ou *transferência* de sentidos; a metáfora “está na base do movimento dos sentidos”. A partir do exame do funcionamento das figuras de linguagem presentes no discurso colonial britânico sobre a Índia – sobretudo as formulações que se referem à colonização, como *missão*, é possível perceber uma fixidez de sentidos que predicam os colonizados indianos, configurando uma representação imaginária da homogeneidade da colônia como instância a ser “protegida”, “defendida” e “melhorada” pelo colonizador.

Segundo a autora, “as metáforas em torno da colonização fixam-se em figuras que produzem um efeito de congelamento dos sentidos que passam a reger o discurso sobre a colonização” (p. 98). Esse efeito de congelamento, por sua vez, produz o silenciamento de outros dizeres sobre a colônia, gerando uma gama de sentidos “aparentemente universais sobre o colonizado”. A autora percebeu que muitos dizeres representando a condição do colonizado indiano estão organizados, por exemplo, sob a metáfora “culturas existem em uma escala”, o que permite classificar, atribuir *pontos na escala*, a qualquer povo. O funcionamento discursivo da *metáfora da escala* contribui para o efeito de congelamento postulado pela autora, uma vez que atribui ao colonizado um lugar inferior – e fixo – na escala evolucionária das culturas, ou seja, ao indiano cabe ocupar um ponto inferior. A autora acrescenta que a esse funcionamento metafórico se articula a dimensão interdiscursiva que constitui o discurso colonialista, ou seja, para que o lugar de inferioridade atribuído ao colonizado funcione e para que a *ação* colonizadora se justifique, é preciso que outros dizeres (do tipo “os colonizadores são superiores aos colonizados”) tenham sido enunciados em outro lugar.

Se, à primeira vista, o trabalho pode dar a impressão de dizer respeito a um momento histórico específico, geograficamente distante e com pouca ou nenhuma relação com o contexto atual (o que a Índia no período pré-independência ainda poderia nos ensinar?), “como se o colonialismo fosse algo do passado, que nada tivesse a ver com os nossos tempos” (p. 17), tal impressão se desfaz quando a autora mostra, ao analisar com rigor um dos temas predominantes do material investigado – *transfêrência de poder* – que, na relação do discurso colonial britânico com outras regiões do interdiscurso, é possível observar a produção de confrontos de sentidos, o que permite o olhar crítico do estudioso da linguagem em relação aos sentidos estabilizados produzidos no interior dos discursos dominantes, que “pregam a igualdade e a diluição das diferenças num mundo “globalizado”” (p. 17).

Ao longo do livro, Grigoletto constrói, numa coerência teórico-analítica clara e, por que não dizer, didática (que permite que sua obra seja lida e apreciada por leitores não necessariamente familiarizados com o aparato teórico de que se vale), um percurso que nos leva a compreender o funcionamento dos discursos que giram em torno dos significados das relações coloniais.

O ineditismo do trabalho de Grigoletto reside, não exclusivamente, mas fundamentalmente, na capacidade que seu texto tem de, ao tratar dos dizeres que permeiam as relações coloniais, confrontar a existência de um lugar aparentemente estável e neutro, constituído num discurso produtor de efeitos de sentido de *igualdade* entre colonizador e colonizado. Assim, com esse movimento de natureza teórico-analítica, *A Resistência das palavras – discurso e colonização britânica na Índia* reúne subsídios para que se possa desestabilizar a fixidez de certos sentidos e propõe ampla reflexão sobre a constituição de identidades em uma relação colonial.

Deusa Maria de Souza
Universidade de São Paulo – USP